

A VELHA GUARDA

Orgão local do Partido Republicano Portuguez

Editor:

AGOSTINHO F. ROCHA

Propriedade da Empresa de A Velha Guarda

Redactor principal:

JOAQUIM DE ALMEIDA GUIMARÃES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:—RUA ELIAS GARCIA, 46—Composto e impresso na Tip. de A VELHA GUARDA—Rua Elias Garcia, 45 GUIMARÃES

OS FORÇADOS

A «Velha Guarda» tem vindo, desde o seu reaparecimento, castigando os desmandos e as poucas vergonhas, as maroteiras e as imbecilidades, a incompetencia e o desleixo, desse grupelho que para aí vejeta, por obra e graça do sr. Domingos Pereira e que em tudo isto manda porque os monarchicos assim o quizeram.

Esse grupelho consegue tirar, de vez em quando, uma papeleta, a que dá o subtítulo de semanario republicano, oficialmente dirigida e editada, á falta de melhor gente, por dous empregados menores do Liceu, a quem talvez deram o logar com essa condição.

Nunca o grupelho conseguiu, nessa papeleta, destruir ou sequer atenuar, as gravissimas acusações que lhe tem sido aqui feitas.

E, nem admira, não só porque não fazemos acusações sem base firme, como também, quando tal acontecesse, no grupelho não haveria muito quem soubesse escrever meia duzia de linhas em português de gente, contrapondo argumentos.

A papeleta tem-se limitado, portanto, como producto de gente mal educada, que julga, na sua mesquinhez intelectual, que é com regateirices que se vence a verdade e se ilude a justiça, a vomitar os mais baixos insultos, as mais reles calúnias, de caracter pessoal, sempre que se sente mais aguilhoada.

A dissidência tem, nos ultimos tempos, tripudiado como nunca. Quanto mais fraca se reconhece, mais se atasca. E' o saque de quem vê proxima a retirada ignominiosa. A «Velha Guarda», querendo manter integra a honestidade dos principios republicanos e, — porque não o diremos? — algumas vezes com a esperança de que os acusados se possam defender, tem relatado, repelindo-os, parte dos gravissimos desmandos e crimes de que o povo vimaranense, por toda a parte, acusa a dissidência.

E que faz o grupelho?

Porventura vem mostrar e provar que não roubou a mobilia do Centro Republicano, alugada por um particular ao Estado?

Porventura vem mostrar e provar que não fez desaparecer um processo em que era gravemente comprometido um dos seus apuniguados, lançando a responsabilidade sobre um zeloso funcionário que todos sabem incapaz, pe-

lo seu feitiço moral e pelo seu interesse contrario, de cometer tal crime?

Porventura vem mostrar e provar que não gastou em seu proveito cerca de quatro contos que extorquiu das casas de jogo de Vizela, bem como quantia avultada tambem, de outras tavolagens de Guimarães?

Porventura vem mostrar e provar que não rouba indirectamente a miséria deste concelho, delixando que siga para outros o milho aqui produzido e não tratando de o conseguir noutros concelhos onde ele sobra?

Porventura vem mostrar e provar que é justo e equitativo e administrado com zelo e honestidade, o agravamento de contribuições enorme, brutal, sem sciencia nem consciencia, com que sobrecarregou o desgraçado povo deste concelho?

Porventura vem mostrar e provar que tem zelado os interesses municipais fazendo executar os projectos que lhes deixaram as vereações anteriores, ou substituindo-os por outros melhores?

Porventura vem mostrar e provar que não tem feito uma politica de odio e perseguições, demittindo funcionários correctos e republicanos, para admitir outros que já antes haviam sido demittidos por deshoastos?

Porventura vem mostrar e provar que nesse tremendo escândalo do açucar, não é verdade que tenha havido grossos e ilicitos lucros de que uma parte já appareceu, devido á acção deste jornal, mas de que o resto ainda se não sabe onde para?

Porventura vem mostrar e provar que não tem ido açucar aos sacos para casa de alguns vereadores?

Porventura vem mostrar e provar que não tem havido falsas sessões de câmara sem o numero legal de vereadores, falsificando-se as actas e que se não tem cometido muitos outros crimes, irregularidades, imbecilidades, denuncias falsas, que tem feito rebaixar até ao ridiculo, uma instituição como a Câmara, que, desde o seu fundamento, ha tantos séculos, sempre todos puderam manter numa esfera de dignidade e respeito?

Não. O grupelho não pensa em nada disso. Sobre todo esse tremendo libelo, o grupelho não tem nada que dizer. O grupelho

em resposta a tudo isso, limita-se a anunciar, com grande estardalhaço, uma campanha de caracter pessoal contra o presidente da Comissão Municipal Republicana de Guimarães, o nosso correligionário M. Felgueiras.

Pois venha de lá isso; reeditem, vomitem todas as calúnias, que contra a vida particular desse nosso correligionário, tem sido levantadas. Se pensam que com essa forma de proceder se salvam das acusações que lhe são feitas, são asnos. Se pensam que com campanhas dessa natureza nos fazem calar, mais asnos são ainda.

Venha de lá isso. Venha de lá tudo quanto a cafila dissidente fór capaz de inventar contra a vida particular de M. Felgueiras; e, depois, esperem-lhe pela volta.

Mas, não se esqueçam de acentuar que até ao dia em que esse nosso correligionário, perseguido pelos sidonistas, teve de fugir para o estrangeiro, ele era, na opinião de todos os dissidentes de agora, o mais apto para dirigir o Partido.

Não se esqueçam de acentuar que durante catorze mezes de perseguições e exilio, os sidonistas e monarchicos de posse da Câmara, onde a acção de M. Felgueiras principalmente se tinha exercido durante sete anos, e de posse de todos os seus papeis particulares que vasculharam á vontade, em repetidas buscas que deram na sua casa e na da sua familia, não conseguiram encontrar pretextos para a tão desejada inutilização publica ou particular desse nosso correligionário.

Não se esqueçam de acentuar que só depois do seu regresso do exilio, a dissidência nasceu, atacando-o, visto que, já aclimatada com o estado de coisas de então, e surpreendida com o seu regresso com que já não contava, recebeu e com razão, que ele, com o seu prestigio, lhe vlesse retirar das mãos um penacho, cujos lucros e bemesses nunca soubera encontrar-lhe mas que a ela muito aproveitavam.

Não se esqueçam de expôr ao público que foi só então que começaram inventando defeitos num correligionário a quem sempre tinham reconhecido como competente para desempenhar o cargo que ainda hoje lhe pertence. E digam quantos os esforços que fizeram para que ele sallsse desta terra. Digam quantos rendosos logares lhe mandaram oferecer com a condição de os exercer longe de Guimarães e digam tambem que pela voz de Moreira Sampaio che-

garam a declarar, no Governo Civil de Braga, que lhe dariam os votos de que pudessem dispôr para que M. Felgueiras pudesse ser eleito deputado por um outro circulo que não fôsse o de Guimarães. Então M. Felgueiras tinha as qualidades necessárias para ser deputado visto que os seus próprios inimigos lhe ofereciam votos e não servia para deputado por Guimarães?

E' que o prestigio de M. Felgueiras impedia-os a eles de mandar; era, portanto, preciso afasta-lo de Guimarães, fôsse qual fôsse o meio; aquela gente não recua perante nenhuma infâmia.

Venha de lá essa biografia.

Mas não ocultem que todos os da dissidência devem, mais ou menos favores, e serviços a M. Felgueiras, que nunca a nenhuns agravou, favores alguns tão grandes e prestados em condições tais, que nunca deveriam ser esquecidos por criaturas de hombridade moral.

Não ocultem tambem que quando M. Felgueiras, apoz um longo exilio, perdida a carreira de que auferia os meios de subsistencia, pois é pobre, com os encargos extraordinarios que lhe trouxeram longos mezes da vida acidentissima, longe da sua terra, a que a politica o obrigara, pôde enfim, aqui chegar e conseguir ser nomeado professor e director da Escola Primária Superior, tal opposição lhe foi movida pela dissidência, que o decreto da sua nomeação, já assinado pelo Presidente da República, foi rasgado!

E tenham a coragem de dizer que á frente desse movimento, destinado a fazer render pela fome quem tudo tinha perdido por dedicação pela Republica e por Guimarães, estavam justamente aqueles que maiores favores devem a M. Felgueiras, aqueles que ele acolhiã na sua casa e na sua intimidade, aqueles que mais receiam que os recursos lhe faltem, pois, são tubarões que se agarram a todos os logares!

Venha essa biografia.

Mas ponham em confronto a categoria moral de Mariano Felgueiras, dirigido-se do exilio a Luís Galhardo, Norton de Matos e Afonso Costa, pedindo que com a sua influencia consigam que o admitam junto das nossas tropas no front, a fim de que a sua actividade possa de qualquer forma ser aproveitada em favor da Patria que se ba-

te, com a daqueles que, por todos os meios, procuraram escapar ao cumprimento dos deveres que Portugal em guerra lhes exigia e que hoje seriam desertores que á sua terra nunca mais poderiam voltar, se Mariano Felgueiras para eles não tivesse sido tão extremamente generoso.

Ponham em Jestaque, tambem, que enquanto os mais graduados membros da dissidência, estavam aqui, no tempo do sidonismo, sossegados nas suas casas, com as suas familias, e usufruindo os proventos dos seus logares ou modos de vida, do que ninguém os estorvou, Mariano Felgueiras se sacrificava uma vez mais e sempre pela Republica, prestando serviços ignorados mas valiosos nos movimentos revolucionarios que se projectavam em Lisboa, mudando todos os dias de hotel e de nome, e em Evora, terra que desconhecia e para onde teve de ir em missão arriscadissima quando as tropas daquela cidade se levantaram contra Sidónio Pais, na altura em que esse movimento já se gorara, e Evora estava abarrotada de forças sidonistas.

Não se esqueçam de nada disto e podem, tambem, afirmar que se o movimento insurreccional de Dezembro de 1917, com todas as consequências que ainda hoje o oprimem, o não tivesse impedido de ser advogado, como pretendia, no exercicio dessa nobilissima profissão, ele nunca teria descido á infâmia sem nome, de extorquir dinheiro ás partes que o procurassem com a promessa, á dentista de feira, de vencer a questão e a ascorosa e repelente afirmação de que parte desse dinheiro se destinaria á compra do colega advogado da parte contraria!

E, assim, podem fazer a biografia de Mariano Felgueiras. Venha ela!

Daqui ninguém foge, daqui, oiçam bem, ninguém estremece. Temo-los a todos esmagados, e bem esmagados, de baixo do pé.

Venham as calúnias, venham as porcarias, venham as escorrências nojentas das suas almas de lama. Ficamos á espera. E não o façam sob a mascara hipócrita de forçados. Forçados o deveriam ser, mas das galés que já não existem.

Defesa da República

Quando aqui publicamos, sob esta epigrafe, um relato do «Diário do Governo» que se referia a acusações feitas a algumas professoras das Escolas Centrais e inspeção escolar, não tivemos outro fim senão o de prestar um bom serviço, á instrução, nesta e noutra.

Era já do domínio público que na escola central de Guimarães não havia harmonia entre as professoras, o que não só era pouco dignificante para a classe de professora do, como ainda prejudicava a frequência escolar. Sabiamos que o público estava cheio já de ouvir falar das questões.

Ano vem-s, pois, no «Diário do Governo» as acusações formuladas e ordem do ministro da instrução para que um rigoroso inquerito fosse feito ás Escolas Centrais de Guimarães, entendemos que o público devia disso ter conhecimento, pois que seria um passo andado para o convencer de que as questões das Escolas Centrais iriam acabar.

Transcrevemos, pois, a parte respectiva tal qual vinha no «Diário» e insistimos aqui, por vezes, para que o inquerito referido fosse feito por individuo íntegro e imparcial.

Soubemos que, ha tempos, veio aqui o sr. Silvério Junior, 1.º official do Ministério da instrução, encarregado de proceder ao alludido inquerito.

Ficamos mal impressionados, quando tivemos conhecimento de que aquelle funcionario se instalou numa coisa que dá si pelo nome de Escola Primária Superior e que funciona na residência dum fidalgo politico da terra. Mais mal impressionados ficamos, quando soubemos que esse influente politico assistiu ao depoimento de algumas testemunhas e que a sindicancia ficou por concluir.

Eis, pois, explicados os motivos por que não fizemos aqui menção ao que o «Diário do Governo» ultimamente publicou relativamente a professor sr. D. Luiza Miranda, o que originou a sua carta que gostosamente aqui publicamos no ultimo numero. Aguardavamos, como se vê, o resultado final do inquerito para, depois de apuradas todas as responsabilidades, fazermos as nossas justas apreciações.

Extirpação e Limpeza

CAES VADIOS

Muitos, aos pares, fechando as sarjetas e os montes de estercor, por essas ruas porcos, fillozetas, berradas, da cidade de Guimarães.

Pouca limpeza e pouco asseio; e hoje que as epidemias são um flagelo mortificador, as desinfecções e sanções publicas deviam merecer uma attenção especial.

Se até os desgraçados varredores municipaes, que atoram no trabalho, as horas calmas e sossegadas da noite, de dia pedem esmola, a cair estendidos de fraqueza, chupados de fome, e fustigados como os cães que vagam em porres as ruas!

Que pobreza e que desleixo! E entretanto as estatísticas accusam uma percentagem em ascensão, apavorante, crescida, dos contagia-dos pelo virus da raiva.

E' preciso, para bem e segurança do publico, que os cães se distribuam, e que toda a gente possa, sem preteridas cautelas, transitar pelas ruas da cidade.

E agora corre mesmo um vento duma caes; buffa que até parece o fole monstru das fornalhas do Inferno!

Canzes! E depois é feio, que diabo! Tanto cão sem dono, e tanta galinha

no depenicamento das ervas desses lameiros publicos!

A Camara não terá guardas que olhem por estas mizezas?

MICTÓRIOS PUBLICOS

Ha muitos, felizmente, na parte baixa e central da cidade.

Estão em pontos de ataque, ao colhar das abertas necessidades, bem destacados, mas no que monta a limpeza, é fugaz; mesmo a distancia eles accusam um espalhamento de gazes perturbadores, asfixiantes. Temos muitos e não precisamos mais. Mesmo que a nossa gente, bem educada, de reatos e moralidades, não faz reparo, cerimonia, de converter qual quer esquinha em mictório e qual quer mictório em retrete.

Nós tapamos-os por ai, a qual quer hora do dia, mesmo dos encartolados, esolitrando as esquinhas e os cantos dos prédios mais agasalhados. De noite, vai mesmo um esculho d recto para a rua, sem sombra de pudor.

Só a vergalho. Mas se não temos policia...

Foram todos para a Regoa, á mianga de proventos, ficaram só os dois da guarda de honra, que alardeiam contumacia resgada, a és no, á lo, em postera de sentido, um pouco arcaizada pelo pezar dos anos, á porta da esquadra, quando entram ou saem os muitos e diversos administradores.

Coiados, eles sabem lá qual é o affectivo!

Parém é de necessidade que os mictorios sofram uma limpeza diaria, a cloreto e vassoura aspera, e que o pingue-pingue continuo da agua vá limpando os brancos cristas que formam cascata nas louças já lavadas e sabojes.

E' questão de fecharem mais um fontanario. Um a mais ou a menos pouco monta.

Antigamente estas limpezas faziam-se todos os dias, eram mais confutas.

Só se não ha verba! Nesse caso, upa, pra riba do contribuinte.

E' zupar nessas ligirões, que eles têm as costas largas e uma confluencia dimidiadissima no vosso valer.

Pois então, que contas lhe lancham.

Para riba, upa, sem dó; está tudo uma careza e é preciso remunerar convenientemente os empregados para que façam o serviço a horas e bem feito, e n o andam perdido, totalmente a pensar em paredes, em greves, etc., etc.

Fôrça!

VARIA

FALTA DE CHEFE

Não gostou a dissidencia que lhe dissessemos que andava á procura de um chefe e dai o encarregar qualquer das suas trombetas de vir a publico, no orgão do pessoal menor, vulgo «Alvorada», dizer coisas a tal respeito. Pois, francamente, não foi nada felis o ignoto escrevinhador e parecemos que perdeu uma boa occasião de estar calado.

O seu gracejo de querer attribuir a alguém do Partido Republicano Português em Guimarães o desejo de ser seu chefe é tão ridiculo e despropositado que, estamos certos, deve ter feito cócor de vergonha o seu inventor.

Descaese hodiensinha e não se preocupe connosco, que nos sentamos muito bem na nossa casa e

não precisamos de ir mendigar as sopas de ninguém.

Por cá ainda ha dignidade, critério e amor á República e não se abdicaria nunca dessas qualidades para descer ao nivel tão baixo da dissidencia.

De resto já sabiamos ha muito que na dissidencia se fez uma auto-nomeação de uma comissão instaladora de um partido, cuja filiação não chegam a conhecer e ainda hoje é ignorada.

Lembra-nos até de que pomposamente se annunciava na «Alvorada» a abertura da inscrição dos partidarios do novo partido. Ficamos sempre á espera que apparecesse a lista dos inscritos, mas pelos vistos até hoje ainda não appareceu um unico nome. Tambem nos não consta que tenham sido substituidos os ind viduos que deixaram de fazer parte da celebre comissão. Porque é que a illustre trombeta não nos diz alguma coisa a este respeito, em logar de fechar os dentes nos calcanhares de quem n outro ponto não pode chegar?

OS AÇAMBARCADORES

«Alvorada» de 28

Pede providencias sobre açambarcadore, fazendo referencias apenas, aos regatões, e aos cereais e batatas, etc.

Não falam em generos de mercearia e generos de necessidade, como o açúcar, arroz, azeite, etc., porque estes são elevados a preços excessivos, pelos merceeiros sob a protecção escandalosa dos dissidentes que chegam ao desafogo de pretender guias com antecedencia para os furtar a acção da justiça, indo depois patrocina-los nos tribunals da ultima instancia.

Povo, sierre com a dissidencia.

BARRIGA

«Os republicanos não querem a República por barriga, etc. (Alvorada de 28)»

Nem se vê. Nem todos. O Dr. João d'Almeida, por exemplo, morre de fome com uma revolta de empregos.

Homem ao mar

A melhor perna da tripeça, pelo menos a única que tinha um passado republicano, lá se foi. Ficamos agora uma tripeça cõxa. O A. L. de Carvalho, foi votado ás léras. Já nenhum dos colegas o traga. Na Camara, é negocio assente que o não pôr fóra da Comissão Executiva; da administração, tal é o desejo de o vêrem longe, que até fõvam instar com o sr. José Maria do Souto, por ser pessoa amiga do actual governador civil, para que pedisse a esta autoridade a nomeação dum administrador, fõsse quem fõsse. E lá teve de ir a Braga o sr. José Maria do Souto ajudar os dissidentes a esconçarem uma das suas primicias figuratas!

AOS LAVRADORES

Do illustre chefe da subregião agricola deste concelho, recebemos a seguinte comunicação:

Por julgarmos de grande interesse para os cultivadores de trigo desta região, a circular official que acabamos de receber de a transcrevemos as seguintes informações.

Trigos Híbridos Seleccionados

(variedades moles)

Existem na Estação Agrícola da 5.ª região algumas variedades de trigos nacionaes provenientes da fecundação artificial de trigos rijos ou moles, com o fim de se conseguirem productos que participassem da rusticidade e productividade dos trigos rijos e da boa qualidade panificavel dos moles.

Estes trigos tem sido obtidos empregando os processos mais modernos de selecção.

Os agricultores que desejarem ainda este ano experimenta-los em suas propriedades, nada mais tem a fazer do que apresentarem a sua requisição por escrito na sede da referida Estação Agrícola—Edifício dos Jeronimos—Bem, ou no Posto Agrario de Ribatejo, sujeitando-se, todavia, ao rabeio, e esta só ficar de effectuar. O preço de cada kilograma é o da tabela official, acrescido de cinco centavos para as despesas da selecção.

O Chefe da Sub-região Agrícola.

Dr. João Coelho da Mota Prego.

VELHARIAS

REGIMENTO DOS OFICIAIS DE OFICIOS EM 1719

Continuado do numero anterior

REGIMENTO DO OFICIO DE TANOEIROS

- De levantar uma pipa velha, de suas mãos . 200 reis
De levantar outra qualquer vazina, pequena . 80 ,,
De cada dúzia de arcos de primeiro lote, detendo-os o official por sua mão. 60 ,,
De cada dúzia de arcos de segundo lote, detendo-os o official por sua mão. 120 ,,
De cada dúzia de arcos de terceiro lote, detendo-os o official . . . 240 ,,
Isto se entende em vazilha de trinta almeidas, sem levar outro jornal.
De cada dúzia de arcos de quarto lote, detendo-os o official por sua mão 600 reis
Por um tonel de 20 até 50 almeidas, por cada almude 100 ,,
Por uma pipa de cartegação, por cada almude, isto sendo obra bem feita e segura. . 140 ,,
Sendo fóra de sua casa a trabalhar de jornal, lhe pagarão por dia . 400 ,,

REGIMENTO DO OFICIO DE ALBARDEIRO

- De uma albarda para um macho grande de liteira, de 4 palmos e meio 920 reis
Por uma albarda de 3 palmos e meio, para uma besta ordinaria . 680 ,,
Por uma albarda de 4 palmos, para uma besta abaixo de macho de liteira 850 ,,
Por uma albarda de 3 palmos, para um jumento 560 ,,
Por encher uma albarda . 50 ,,

REGIMENTO DO OFICIO DE SELEIRO

Não levarão mais por uma detranca de macho ou mula grande do que 420 reis

- E por uma peitoral para bestas do mesmo tamanho, com duas fivelas 420 reis
E por um rabicho, sendo para bestas do dito tamanho. 300 ,,
Por uma silha, para bestas do dito tamanho . 180 ,,
Por uma retranca para besta ordinaria . . . 300 ,,
Por um peitoral com duas fivelas, para bestas do mesmo tamanho 300 ,,
Por um rabicho . . . 150 ,,
Por uma silha 150 ,,
Por uma retranca para besta pequena . . . 240 ,,
Por um peitoral para besta do mesmo tamanho com duas fivelas 240 ,,
Um rabicho para besta do mesmo tamanho . 140 ,,
Uma silha 140 ,,
Uns suadouros para besta grande, sendo de carneira 600 ,,
E sendo para besta ordinaria 480 ,,
Uns loros dobrados . . 420 ,,
Uns loros singelos . . 240 ,,

REGIMENTO DO OFICIO DOS FERRADORES

- Não levarão mais por ferraduras de rompão, para cavafos, tendo de peso um arratel e meio, com dose caraveiras 140 reis
Por ferraduras mais medianas de rompão, com o peso de um arratel e quarta, com dez caraveiras 100 ,,
Por ferraduras ginetas, do peso de um arratel e quarta, com dez caraveiras 110 ,,
Por ferraduras de boca de cantaro, do peso de arratel e quarta, com dez caraveiras 100 ,,
Por ferraduras de galocha, do peso de arratel e quarta, com dez caraveiras 100 ,,
Por ferraduras de trempé do peso de dois arratels, com dez caraveiras 160 ,,
Por ferraduras cavallares ligeiras, do peso de sete arratels em dúzia, de oito caraveiras 65 ,,
Por ferraduras para rocinis e egos pequenas, com oito caraveiras 55 ,,
Por ferraduras de rompão, para machos de liteira, com o peso de arratel e meio, com dez caraveiras . . . 120 ,,
Por ferraduras mais medianas de rompão, do peso de um arratel, com oito caraveiras . . 80 ,,
Por ferraduras talianas para mulas e machos com o peso de trez quartas, com oito caraveiras 70 ,,
Por ferraduras maiores ligeiras, de sete arratels de peso cada dúzia, com oito caraveiras 65 ,,
Por ferraduras mais medianas, de oito caraveiras 55 ,,
Por ferraduras de bestas menores, com trez caraveiras 50 ,,
Ferraduras pregadas, de dez caraveiras . . . 20 ,,
Ferraduras pregadas, de oito caraveiras . . . 16 ,,

Continua.

Extraido do livro «Guimarães» do Padre Caldas.